GÊNEROS TEXTUAIS: CONSIDERAÇÕES E PROCEDIMENTOS

Francisca Aldenora Moreno Fernandes; Jária Suéldes Alves de Lima; Vilma Abdias de Lima Bezerra

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); aldenoramoreno@gmail.com; jariasu@yahoo.com.br; vilmaabdias@gmail.com

Introdução

O ensino da Língua Portuguesa (LP) é temática de estudos e discussões nos meios acadêmicos e demais segmentos sociais, principalmente quando se confronta os resultados apresentados nos exames nacionais com os objetivos educacionais propostos no nosso país, os quais quase sempre se observa a deficiência dos estudantes da Educação Básica quanto aos níveis de aprendizagem da leitura e da escrita[1]. Daí a necessidade de um ensino mais significativo e reflexivo da LP em sala de aula, para que se alcance não apenas melhores rendimentos educacionais, mas também o desenvolvimento da competência comunicativa dos estudantes.

Nessa perspectiva, propusemo-nos a organizar uma sequência de atividades em que se possa enfatizar a função social dos gêneros e sua diversidade, uma vez que acreditamos que esses fatores sejam imprescindíveis para o ensino da LP junto aos gêneros textuais. O presente trabalho traz como aporte teórico os estudos de Thiollent (2009); Sparano (2012); Marcuschi (2008); Koch (2006); Kleiman (2001); Souza; Corti; Mendonça (2012) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (1998), documentos oficiais que regem a educação brasileira.

A relevância desse trabalho está justamente por não limitar o estudo dos gêneros apenas aos aspectos composicionais e estruturais, mas por enfatizar outros fatores (sua função social, sua esfera de circulação, seu suporte, seu contexto de produção e demais aspectos) textuais importantes para a construção dos gêneros que, por conseguinte, contribuem significativamente no processo ensino/aprendizagem da leitura e da escrita.

[1] A exemplo disso, o Enem (2014) em que repercutiu nacionalmente o fato de mais de 529 mil candidatos terem zerado a prova de redação, segundo dados estatísticos do Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira). (v. http://educacao.uol.com.br/noticias/2015/01/13/529-mil-candidatos-tiraram-zero-na-redacao-do-enem-2014.htm)

O objetivo desse trabalho é mostrar a necessidade do ensino de LP com foco na função social da escrita e não apenas em elementos composicionais do texto e/ou gramaticais.

2 Metodologia

Escolhemos a pesquisa-ação com abordagem qualitativa por entendermos que esta é a vertente de investigação mais adequada aos objetivos propostos. Tendo como base, o dizer de Thiollent (2009, p. 20) para quem este tipo de pesquisa "é de base empírica realizada em estreita associação com uma ação ou resolução de um problema coletivo."

Esta pesquisa foi desenvolvida mediante observações realizadas em turmas do 6º e 9º anos do Ensino Fundamental II, na Escola Municipal Justino Dantas e Escola Estadual Instituto Vivaldo Pereira, respectivamente. Os referidos anos foram escolhidos por se tratarem da primeira e última series desse nível de ensino.

A intervenção foi realizada durante quatro aulas caracterizadas da seguinte maneira: primeira aula- propomos atividades discursivas para antecipação e sensibilização das turmas observadas, com objetivos de investigar os gêneros textuais lidos em casa pelos sujeitos, bem como a organização de uma lista com a nomeação dos textos reconhecidos por eles. Na segunda e terceira aula – realizamos a "hora da leitura" e análise dos gêneros trazidos pelos alunos e pelas professoras. Na última aula, realizamos a produção e socialização de cartazes a fim de enfatizar a diversidade dos gêneros que circulam no cotidiano.

Durante a coleta de dados, utilizamos como instrumentais imagens fotográficas, cartazes produzidos e as observações realizadas durante os eventos citados, sendo essas registradas em diários de campos. O que permitiu que realizássemos uma observação semi-estruturada, cuja caracterização "lugar em um contexto natural e, na maioria das vezes, não procuram dados quantificáveis, que apenas eventualmente são coletados" (VIANNA, 2003).

3 Resultados e discussões

Os gêneros textuais influenciam nas práticas sociais diárias dos sujeitos, pois "cumprem funções sociocomunicativas e, para tanto apresentam [...] uma certa padronização em sua estrutura composicional, ligada à esfera de circulação e à função social" (SPARANO, 2012, p.47). Em outras

palavras, os nossos objetivos comunicativos e a constante interação exigem de nossa competência comunicativa a utilização de diversos textos em nosso cotidiano.

Segundo a autora, os textos são materialização dos gêneros e por isso quando escolhemos um determinado texto, levamos em consideração diversos elementos (os objetivos da comunicação, a intencionalidade e o contexto no qual o gênero vai atuar), porque para cada situação do nosso dia a dia, utilizamos um ou mais gênero textual específico. Nesse caso, a escolha não é aleatória, uma vez que somos levados a fazer o uso daquele que melhor atenda aos nossos propósitos comunicativos, por exemplo: quando fazemos uma ligação telefônica, utilizamos o diálogo, porque não seria adequado produzirmos uma conta de luz em um evento desse tipo.

Nessa perspectiva, os PCN colocam que "a unidade básica de ensino só pode ser o texto" (BRASIL, 1998, p. 36), haja vista não apenas essa caracterização peculiar dos gêneros, mas também o objetivo educacional do país, o qual reporta-se ao desenvolvimento da competência discursiva do aluno. Desse modo, torna-se inviável um ensino voltado apenas para os aspectos composicionais e estruturais da língua (a metalinguagem) em que se descontextualiza a aprendizagem e utiliza-se o texto como pretexto para o ensino das normas e nomenclaturas gramaticais.

Para Marcuschi (2008), durante o desenvolvimento das nossas relações comunicativas, acabamos percebendo que alguns enunciados ou textos são melhor compreendidos que outros. Assim, na escolha de um gênero, além do plano composicional, observamos o plano de conteúdo, a temática e o estilo do texto. Com isso, percebemos que muitas são as ideias que envolvem os gêneros, mas, atualmente, muitas delas dizem respeito, especialmente, as funções sociocomunicativas, pois:

> Eles são fenômenos relativamente plásticos com identidade social e organizacional bastante grande e são parte constitutiva da sociedade. Acham-se ligados às atividades humanas em todas as esferas e em muitos casos, como vimos, dão margem às marcas de autoria e estilo próprio em graus variáveis. (MARCUSCHI, 2008, p. 19)

Por isso, devemos ir além da simples classificação dos gêneros e observar sua aplicabilidade social e dinamicidade que estimula a presença de novos gêneros oriundos de várias exigências comunicativas acarretando, assim, no aparecimento de suportes textuais mais modernos.

Além disso, devemos levar em conta a ampliação da expressão *gêneros*, que se refere a textos verbais e não-verbais, o que tem provocado inúmeras discussões quanto à existência de uma variedade de gêneros que vão desde as esferas institucionais[2] até as mais cotidianas.

Outro ponto a ser considerado é o fato de podermos encontrar gêneros que são próprios de mais de um domínio discursivo e que também assumem a forma de outros, de acordo com a necessidade de comunicação num dado momento, o que Koch (2006, p.114) chama de "hibridização ou intertextualidade intergêneros".

Quanto a isso, a autora esclarece que os gêneros possuem organizações sequenciais diferentes, classificadas como tipos textuais, que formam a materialidade linguística de um texto, pois apresentam uma organização própria e se manifestam por meios linguísticos específicos. Para Koch (2006) é possível observar uma sequência linguística predominante no texto (as sequências podem ser da ordem de narrar, argumentar, descrever, dialogar, inferir ou expor) muito embora ocorra a heterogeneidade tipológica, ou seja, quando um gênero apresenta mais de um tipo textual na sua produção.

Segundo a autora, não devemos entender que gênero e tipo são identificações relativamente fáceis de serem realizadas, pois podemos encontrar casos em que um gênero traz características de outro ou um texto com mais de uma sequência tipológica. No primeiro caso, Koch (2006) categoriza a mescla de um gênero com outro de *intergenericidade* e a presença de mais de uma sequência tipológica de *heterogeneidade tipológica*.

Em ambos os casos, o uso social e a funcionalidade do texto não ficam prejudicados por essas mudanças, pelo contrário, o papel comunicativo do texto continua presente. Portanto, quando escolhemos um gênero ou tipo textual levamos em conta seus elementos estruturantes, pois na comunicação tanto se precisa do gênero quanto do tipo textual, uma vez que somente em conjunto eles cumprem suas funções sociais.

Na maioria dos contextos escolares, o uso dos gêneros e tipos textuais acaba sendo deficiente. Isso ocorre porque muitas vezes, o aluno apenas utiliza os gêneros para realizar atividades de leituras objetivas ou interpretações de textuais, que não os desafiam a pensar em que outros momentos, fora do ambiente escolar, poderão usar esses textos que manuseados na escola.

---

[2] Tais esferas correspondem àquelas que são formadas e organizadas por determinados sujeitos, tais como: políticos, professores, religiosos, advogados, dentre outros. Cf. Rojo (2009).

Assim, temos visto que, muitos alunos demonstram um baixo desempenho nas relações de comunicação do dia a dia, o que fragiliza seus objetivos de interação com outros sujeitos e compromete o aprendizado da produção de texto.

Segundo Koch (2006), essa leitura e produção ineficiente estão relacionados ao fato de que os alunos não conseguem compreender os textos. Por isso, somente um trabalho pedagógico relevante, no qual se possa utilizar os gêneros de maneira funcional e mais próximo da realidade, será capaz de fazer o educando atingir um desenvolvimento satisfatório no uso da linguagem oral e escrita.

Os professores devem mostrar aos alunos que todo usuário de uma língua está em contato com vários textos, o que implica o domínio de inúmeros gêneros cotidianamente, exemplo: na sala de aula, faz-se o uso textos diferentes (um diálogo, a chamada, o poema, um aviso, a conversa com o amigo, o conto copiado no quadro, as perguntas feitas a professora, dentre outros). Diante dessa diversidade textual, Koch (2006) aponta a existência dos gêneros escolares e dos gêneros escolarizados[3]

Faz-se necessária a compreensão de que noutros ambientes da própria escola, outros textos são produzidos ou lidos: a lista dos alimentos do lanche, o comunicado fixado no mural, por exemplo. Segundo Koch (2006), alguns desses gêneros atendem mais rapidamente aos interesses dos alunos, por isso, são melhor assimilados; outros precisarão da mediação do professor.

De qualquer maneira, será o professor o agente mediador do processo de ensino e aprendizagem dos gêneros escolarizados, pois para que o aluno compreenda o que se lê, deve antes reconhecer os elementos que fazem parte da construção dos vários gêneros existentes.

Fazendo isso, o aluno irá tomando consciência de que a cada circunstância ou a cada novo sujeito com o qual interagimos, as escolhas linguísticas e também os gêneros exigidos mudam. Assim, percebendo que existem vários gêneros, estes poderão entender melhor os textos que leem e precisam produzir. Conforme aconteça tal aprendizado, a escola estará cumprindo sua função social.

[3] Os escolares são aqueles produzidos nas instituições de ensino e os escolarizados são aqueles provenientes de outras esferas sociais que se tornaram objetos de ensino. (v. Rojo, 2009).

Além disso, deve-se enfatizar o reconhecimento dos suportes textuais, pois estes acomodam os vários textos que circulam socialmente, apesar de ainda existir uma confusão sobre o que pode ou não ser considerado como suporte de texto. Sobre isso, Marcuschi (2008, p. 173) afirma que:

> [...] Muitos livros didáticos falam em portadores de gêneros, lembrando com isso os diversos locais ou continentes de gêneros como um jornal, um livro e uma revista semanal. [...] equivocam-se os manuais quando falam no dicionário como portador de gênero, pois ele próprio é um gênero [...]

Para o autor, essas indagações ocorrem porque os estudos sobre as definições e importância dos suportes textuais começaram a ser realizados recentemente nas esferas acadêmicas. No entanto, diversos pesquisadores concordam que sem os suportes, os gêneros teriam uma mobilidade social limitada e que através do uso desses suportes muitos são mais facilmente identificados, como os jornais, revistas, livros didáticos ou outros, sem esquecer dos ocasionais: bonés, roupas e tantos outros.

É imprescindível, portanto, que os professores conheçam os tipos de suportes e a relação existente entre eles e os gêneros, sem deixar de considerar o surgimento de novos modelos a cada nova forma de comunicação exigida na interação social. Tais conhecimentos deverão suscitar novos fazeres pedagógicos que incidam numa aprendizagem efetiva do aluno.

Numa abordagem dos gêneros, Marcuschi (2008) deixa claro que, embora as nomeações sejam resultantes de uma denominação histórica e socialmente constituída e que tenhamos uma metalinguagem riquíssima torna-se evidente a dificuldade em classificar cada gênero, devido a dinamicidade e plasticidade as quais possibilitam a intergenericidade de funções e formas de gêneros diversos num dado gênero. Quanto a essa impossibilidade de classificar rigidamente os gêneros, tendo em vista a situacionalidade e a historicidade em que estão envoltos, Marcuschi (2008, p. 17) aprofunda a discussão lembrando que os gêneros:

> Devem ser vistos na relação com as práticas sociais, os aspectos cognitivos, os interesses, as relações de poder, as tecnologias, as atividades discursivas e no interior da cultura. Eles mudam, fundem-se, misturam-se para manter sua identidade funcional com inovação organizacional. [Além disso,] todas as nossas manifestações verbais mediante a língua se dão como textos e não como elementos linguísticos isolados.

Nessa perspectiva, as ações pedagógicas voltadas para o trabalho com produções deverão estar aliadas a propostas de intervenção eficazes, que possibilitem mais interações com o texto. Portanto, a partir da discussão realizada e em relevância às noções de gênero, tipo textual, sequência e suporte tem-se a seguinte proposta de atividade de sala de aula, a fim de exemplificar o que vem sendo discutido.

Tabela 1: Plano das atividades com base em Souza; Corti; Mendonça (2012)

Público alvo	Alunos do ensino fundamental (6º e 9º ano)
Objetivos	1. Observar a diversidade de gêneros textuais; 2. Identificar nos diversos textos as sequências tipológicas 3. Reconhecer as funções sociais dos gêneros; 4. Perceber a circulação dos gêneros na vida cotidiana; 5. Reconhecer os portadores de gêneros que servem para a fixação e visualização dos textos.
Conteúdos	Os gêneros e diversidade textual, as sequências tipológicas, os suportes de textos e a função social desempenhada pelos gêneros.
Tempo estimado	4 aulas
Material necessário	1. Textos diversos impressos; 2. Cartolina, papel madeira, revistas de recorte, cola, tesoura, régua, pincel atômico, fita adesiva; 3. Computador; 4. Datashow.

Fonte: Dos próprios autores

Tabela 2: Desenvolvimento

Etapa	Denominação	Objetivos

1ª	Antecipação / Sensibilização	1. Perguntar aos alunos quais os textos mais presentes na sua casa e elaborar uma listagem coletiva. 2. Levantar alguns questionamentos, tais como: Quem costuma manusear esses textos? Qual a utilidade desses textos? De onde eles foram retirados? Quem os escreveu? Quando foram produzidos? Onde é mais comum encontrá-los? 3. Solicitar que na aula seguinte os discentes tragam alguns desses textos.
2ª	Hora da leitura	1. Expor alguns gêneros textuais (bula, crônicas, anúncios, tirinha, dentre outros) trazidos pelos discentes, bem como pelo professor de sala de aula. 2. Estabelecer uma roda de conversa que permita, além do manuseio, a discussão sobre cada gênero de modo que os alunos percebam suas características, semelhanças, diferenças, onde e em que situação os textos foram escritos e, ainda, com que finalidade. 3. Apresentar, discutir e registrar as concepções de gêneros, tipos e suportes textuais
3ª	Análise dos textos	1. Fundamentar as definições, diferenciação e explicitação quanto às funções sociais dos gêneros. 2. Dividir os alunos em pequenos grupos que farão o trabalho de investigação dos textos trazidos por eles registrando as seguintes informações: gênero textual, características, sequência tipológica, função social e o suporte textual.
4ª	Socialização do estudo dos textos	1. Expor o trabalho realizado pelos grupos 2. Observar a assimilação e aprendizagem dos discentes quanto aos conteúdos abordados.

5ª	Produção de cartazes	1. Levar revistas de recortes para que os alunos identifiquem os diferentes gêneros, recorte-os, montem um cartaz e apresentem as características gerais de cada gênero. 2. Socialização desses cartazes. 3. Expor esses cartazes em sala para serem constantemente revisitados e observado a diversidade textual.
6ª	Avaliação	1. Será feita de maneira contínua, na qual o professor estará observando e fazendo os registros do envolvimento e compreensão dos alunos na realização das tarefas propostas.

Durante essas atividades, observamos o quanto os discentes ainda sentem dificuldades em perceber a função social desempenhada pela escrita e, por conseguinte, pelos gêneros. O quanto é necessário enfatizar no processo de ensino aprendizagem a diversidade de gêneros e o propósito comunicativo existente nas interações sociais. Talvez em decorrência da pouca abordagem em torno desses aspectos, o fato é que, a noção de gênero apenas como matéria da disciplina escolar deve ser substituída pela noção de gênero como meio[4] de interação social.

3 Considerações

Indiscutivelmente o trabalho com os gêneros textuais em sua diversidade e aplicabilidade é de suma importância para o desenvolvimento da competência discursiva do educando. Trabalhar a língua partindo do texto e enfatizando a função social dos gêneros contextualiza e dá maior significância ao processo de ensino/aprendizagem. Tais aspectos contribuem para o uso proficiente da língua, na qual propicia ao aluno melhor conhecimento linguístico para agir e interagir no mundo em que o cerca.

Além disso, o professor deve correlacionar o trabalho com os gêneros com as necessidades linguísticas de seus alunos, a fim de preencher lacunas na competência comunicativa desses sujeitos, pois sabe que isso envolve muita teoria e conhecimentos de suas particularidades, além do manuseio desses em situações reais.

[4] Cf. Oliveira (2010)

Em suma, o processo ensino/aprendizagem da LP tem o texto como unidade de ensino e sua aprendizagem devem extrapolar os muros escolares, de modo que o falante utilize de maneira eficiente a língua.

Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

KLEIMAN, Ângela. O processo de aculturação pela escrita: ensino da forma ou aprendizagem da função? In: KLEIMAN, Ângela. SIGNORINI, Inês. [*et. al*.]. **O ensino e a formação do professor**: alfabetização de jovens e adultos. 2. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2001.

KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto,2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

OLIVEIRA. Maria do Socorro . Gêneros textuais e letramento. **Revista brasileira de linguística aplicada.** Belo Horizonte: RBLA, **v**. 10, n. 2, p.325 – 345, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ld/v8n3/05.pdf. Acesso: 16 jun. 2014.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos:** escola e inclusão social. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SOUZA, Ana Lúcia; Corti, Ana Paula; MENDONÇA, Márcia. **Letramentos no ensino médio**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SPARANO, Magali. Gêneros textuais: estrutura e sentido. In: SPARANO, Magali [et al] **Gêneros textuais**: construindo sentidos e planejando a escrita. São Paulo: Terracota Editora, 2012.

THIOLLENT, Michel. **Pesquisa-ação nas organizações**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

VIANNA, Heraldo Marelim. **Pesquisa em educação**: a observação. Brasília: Plano Editora, 2003. Disponível em: www.arturmotta.com/wp-content/uploads/2010/.../10-a-observacao.doc Acesso: 30 agosto 2015.